

LUGARES DE MEMÓRIA: LOCAIS DE AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA E DE RESISTÊNCIA AO SILENCIAMENTO DA MEMÓRIA LINGUÍSTICA BANTU

Domingos Filipe Machalele

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb
Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS
Moçambique
2025m0095@uesb.edu.br

Edvânia Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Uesb
Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS
Brasil
edvania.gomes@uesb.edu.br

RESUMO

Durante o período colonial e imediatamente pós-colonial, a língua portuguesa foi legitimizada e prestigiada como língua oficial em Moçambique. Essa legitimação esteve ancorada na ideologia da civilização (no período colonial) e na tese de unidade e integridade nacionais (período imediatamente pós-colonial). Por um lado, o Português era simbolicamente prestigiado e, por outro, as línguas bantu (LB), faladas pela maioria da população, eram discriminadas e reservadas ao uso em contexto informal. Como aponta Bourdieu (2003), “é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra” (Bourdieu, 2003, p.11). Como se vê, o Português foi simbolicamente prestigiado em detrimento das línguas bantu e, conseqüentemente, essas línguas, bem como seus falantes foram socialmente silenciados. Tendo em conta esta disputa simbólica entre o Português e as línguas bantu, o presente trabalho procura indicar que lugar simbólico, atualmente, essas línguas ocupam socialmente em Moçambique e que formas de resistência os falantes adotam para quebrar o silenciamento da memória linguística bantu e (re)afirmarem a sua identidade. Do ponto de vista teórico-metodológico, recorreremos à análise de discurso francesa fundada por Pêcheux na década de 1960 para a análise dos enunciados imagéticos que emergem do nosso *corpus*, composto por fotografias de alguns pontos da cidade de Maputo, capital de Moçambique. Recorreremos também a autores como Elias (1998), Bourdieu (1991; 2003), Guissemo (2018) e Halbwachs (1925) para constituir a fundamentação teórica do trabalho. A análise de dados permitiu-nos concluir que a temporalização instaura novos significados. Por isso, desde os anos 2000, os falantes das LB ganharam consciência de

UESB Congress – ARInt International Symposium: Dialogues Without Borders
Congrès de l'Uesb - Symposium International de l'ARInt : Dialogues sans Frontières
Congreso de la Uesb - Simposio Internacional de ARInt: Diálogos Sin Fronteras
22 a 24 de outubro de 2025.

que a hierarquia existente entre o Português e as línguas bantu foi feita de forma arbitrária ou simbólica. A partir dessa tomada de consciência, eles passam a criar novas formas de legitimar suas línguas através de lugares de memória, espaços em que a língua é materializada, tais como: escolas, farmácias, lojas, entre outros. Esses locais, além de contribuir para a preservação da memória linguística, são também interpretados como espaços de resistência ao silenciamento das línguas bantu e de (re)afirmação da sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Bantu; Língua Portuguesa; Poder Simbólico; Resistência; Silenciamento.